



OS EMPREGOS DO MODAL SIMBULÉTICO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

NÚBIA FERREIRA RECH* | ÍCARO FONSECA**

RESUMO

Este *squib* trata da modalidade simbulética no português brasileiro (PB). Esse tipo de modalidade é caracterizado na literatura como denotando conselho ou sugestão e é descrito como performativo (cf. YANOVICH, 2014; STREY; MONAWAR, 2017). Com base em dados do PB, mostramos que o modal simbulético não tem seu emprego restrito a enunciados performativos de conselho ou sugestão, uma vez que figura também em enunciados não direcionados diretamente a um participante específico. Considerando isso e também aspectos relativos à orientação desse modal, que pode figurar em enunciados com *addressee* específico, genérico ou, ainda, sem nenhum *addressee*, propomos uma definição mais abrangente para a modalidade simbulética, uma definição que supomos melhor dar conta dos contextos de uso desse modal.

Palavras-chave: modalidade simbulética; (não) performatividade; orientação modal

ABSTRACT

This squib deals with the symbouletic modality in Brazilian Portuguese (BP). This type of modality is characterized in the literature as denoting advice or suggestion and is described as essentially performative (cf. YANOVICH, 2014; STREY; MONAWAR, 2017). Based on data from BP, we show that the symbouletic modal does not have its use restricted to performative statements of advice or suggestion, since it also appears in constructions that express the speaker's ethical and/or moral values, not directed directly at a specific participant. Considering it and also aspects related to the orientation of this modal, which can appear in statements with a specific addressee, generic or, even, without any addressee, we propose a more comprehensive definition for the symbouletic modality, a definition that we suppose to give a better account of the contexts of the use about this modal.

Keywords: symbouletic modality; (non-)performativity; modal orientation

* Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Departamento de Língua e Literatura Vernáculas, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil. *E-mail:* nubia.rech@ufsc.br. ORCID: 0000-0002-9278-2702.

** Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Graduando do Curso Letras Português, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil. *E-mail:* icarocardoso2000@gmail.com. ORCID: 0000-0003-3624-830X.

Gostaríamos de registrar nossos agradecimentos aos pareceristas anônimos pelos comentários e sugestões, que nos permitiram aprimorar as reflexões apresentadas neste *squib*.

1 INTRODUÇÃO

Em nossos diálogos ordinários, por vezes compartilhamos situações complicadas ou problemas que estamos enfrentando com alguém que prezamos e respeitamos, seja um familiar, um amigo ou, até mesmo, um mentor. Nesses casos, é bem comum recebermos conselhos (ou sugestões), tais como: *Você deve procurar um trabalho; Você devia estudar mais; Você tem que falar com ela; Você tinha que pedir desculpas; Você pode tentar essa receita; Você podia se vestir melhor*; entre outros. Na literatura linguística, essas construções denotam modalidade simbulética, que é definida como um tipo de modalidade que não afirma os fatos de forma neutra, mas incentiva alguém a realizar uma ação prática específica, tendo laços estreitos com os verbos performativos (YANOVICH, 2014). Note-se que esse tipo de modalidade pode ser expresso por diferentes auxiliares modais no português brasileiro (PB): *deve, devia, tem que, tinha que, pode e podia*, com variação apenas na força modal — de *possibilidade* ou de *necessidade*.

Autores como Yanovich (2014) e Strey e Monawar (2017) afirmam que o modal simbulético tem emprego performativo, ou seja, figura em enunciados que correspondem a um ato de fala diretivo, direcionado diretamente ao interlocutor.

Neste *squib*, discutimos o caráter performativo atribuído ao modal simbulético, apresentando evidências do PB na direção de que esse modal não é empregado apenas para dar conselhos ou sugestões a um interlocutor específico, mas figura também em construções nas quais o falante/escritor expressa (ou relata) o que lhe parece adequado ou conveniente em determinada situação de acordo com seus (ou de outros, no caso de a construção modal figurar em domínio encaixado) valores. Nesses casos, conforme vamos mostrar ao longo do texto, o enunciado não é direcionado a nenhum interlocutor específico e, mesmo assim, denota modalidade simbulética.

O *squib* está organizado da seguinte forma: na seção 2, a seguir, apresentamos as propriedades de um modal simbulético, com base em Yanovich (2014); na seção 3, discutimos a noção de performatividade associada a esse modal; na seção 4, analisamos construções do português brasileiro em que esse modal figura com um *addressee* genérico e também sem nenhum *addressee*; e, por fim, na seção 5, sintetizamos nossa discussão, retomando os principais argumentos para se repensar a associação direta deste modal com a noção de performatividade.

2 PROPRIEDADES DO MODAL SIMBULÉTICO

Yanovich (2014) identifica importantes traços do modal simbulético, tendo por base o emprego do item lexical *stoit*, que expressa unicamente modalidade simbulética em russo, diferentemente do que ocorre em línguas como o PB, o inglês, o italiano, dentre tantas outras, em que a indicação de modalidade simbulética não é dada pela escolha do item lexical, e sim pelo contexto (cf. KRATZER, 1991; HACQUARD, 2006; entre outros). O autor apresenta como características desse tipo de modalidade propriedades semânticas, como

decisão e benefício, e sintáticas, como *encaixamento* e *escopo sobre a negação*. O exemplo (1), a seguir, transcrito de Yanovich (2014, p. 166-167), ilustra a propriedade de *decisão*:

(1) *Mary to Ann*:

Tebe **stoit** sxoditj na etot koncert.
 você **stoit** ir PREP esse concerto
 'Você devia ir a esse concerto.'

Ann:

Ty ošibaješsja: mne ne nraivitsja etot dirižor. Ty dala mne
 você COP.errada eu NEG gostar este maestro você dar me
 nepraviljnyj sovet.
 errado conselho
 'Você está errada. Eu não gosto daquele maestro. Você me deu um conselho equivocado.'

Segundo o autor, uma condição para o bom emprego do modal simbulético é a avaliação do conselho ou sugestão por parte do interlocutor. Em (1), vemos claramente que a sugestão de *Mary* foi rejeitada por *Ann*, por não ir ao encontro de suas preferências musicais. A resposta de *Ann* mostra que cabe ao interlocutor a decisão de aceitar ou não o conselho.

A partir da situação (1), podemos inferir que, em situações de conselho ou sugestão, é relevante que o enunciador seja reconhecido pelo seu interlocutor como alguém com conhecimento ou experiência no assunto em questão. Os exemplos, a seguir, ilustram essa propriedade:

(2) Professora: Você devia resolver mais exercícios sobre esse conteúdo.

Aluno: Certo, professora. Farei isso.

(3) Professora: Você devia reatar o seu namoro com a Ana.

Aluno: Meus assuntos pessoais não lhe dizem respeito. / A senhora está se separando; logo, não está em posição de dar conselhos amorosos a ninguém.

O exemplo (2) remete a um contexto de sala de aula, em que é, inclusive, esperado que a professora oriente, aconselhe, faça sugestões para os seus alunos melhorarem o desempenho nos estudos. Em casos como esse, é esperado, embora não obrigatório, que o estudante aceite o conselho. Já em (3), o assunto objeto do conselho não tem relação com o ambiente escolar. Nesse sentido, é compreensível o fato de o estudante rejeitar o conselho dirigido a ele, ou por o assunto não ter relação com o ambiente escolar, ou por, na visão do aluno, a professora não ser especialista no assunto ou, ainda, por a professora não administrar bem seu próprio relacionamento amoroso. Cabe observar que a decisão por aceitar ou rejeitar um conselho não tem relação com a autoridade do conselheiro sobre o aconselhado; da mesma forma, a emissão do conselho não se pauta por isso, e sim pelo fato de o enunciador exercer certa influência sobre o seu interlocutor, pela relação estabelecida entre eles ou por sua vivência e/ou especialidade no assunto em questão. Nenhum desses fatores é garantia, entretanto, de que o conselho será seguido.

Ressaltamos que o emprego do modal simbulético requer um interlocutor capaz de avaliar o conselho ou sugestão dados, condição, aliás, para que tome uma decisão. Vejamos as sentenças do exemplo (4):

- (4) a. #Você devia tomar apenas o leite materno nos primeiros seis meses de vida.
b. Seu filho devia tomar apenas o leite materno nos primeiros seis meses de vida.

A sentença (4a) não é feliz com o auxiliar modal *devia* denotando conselho. Isso porque o participante sobre o qual recai a orientação do modal corresponde a um bebê, que não possui capacidade para compreender o enunciado e, conseqüentemente, para avaliar a pertinência ou não do conselho. Em (4b), o enunciado está sendo direcionado à mãe ou ao pai do bebê, ambos com capacidade para decidir e, se for o caso, garantir que o evento descrito na sentença seja realizado. Note que o sujeito da sentença (*seu filho*), que é quem vai realizar o evento descrito sob o escopo do modal, é diferente do participante a quem é dirigido o conselho: o interlocutor.

Outro traço que Yanovich (2014) associa ao emprego do modal simbulético é o do benefício ao interlocutor. Segundo o autor, é esperado que o falante, ao dar conselho ou sugestão, o faça em benefício de quem o recebe. Vejamos um exemplo do russo, transcrito de Yanovich (2014, p. 166):

- (5) Tebe **stoit** ispeč pirog.
você STOIT assar torta
'Você devia assar uma torta.'

Nesse caso, o autor argumenta que o enunciado (5) é adequado apenas em contextos nos quais o falante considera que a realização do evento *ispeč pirog* ('assar uma torta') faria bem ao seu interlocutor, trar-lhe-ia algum benefício, como *ficar feliz* ou *animado*. Yanovich observa, ainda, que (5) seria inadequado em um contexto no qual o falante visasse ao seu próprio benefício, como seu desejo de comer uma torta, por exemplo, e não ao benefício do interlocutor.

Outra propriedade do modal simbulético apresentada por Yanovich é a possibilidade de figurar em sentenças encaixadas, como nos exemplos a seguir, transcritos do autor (2014, p. 167):

- (6) **Stoit** li mne zapisatjs na etot klass?
stoit se eu.DAT registrar PREP essa classe
'Devia eu me registrar para esta classe (eu me pergunto)?'

- (7) Maša teperj dumajet, što Ane **stoilo** tuda pojti.
Masha agora pensa que Ane stoit.passado lá ir
'Nos últimos dias, Masha vinha pensando que (de acordo com informações disponíveis a Masha) (dadas as circunstâncias daquele momento) Anya devia ter ido lá.'

Yanovich observa que *stoit* pode ser encaixado sob marcadores interrogativos, como em (6), e também sob tempo passado e verbos de atitude, como em (7). Observe que, no caso de (7), o falante não está aconselhando nem sugerindo que *Anya* se desloque até determinado lugar; ele está relatando um pensamento de alguém que não integra o contexto de enunciação, a saber: *Masha*.

Com base em Yanovich (2014), apresentamos ao longo desta breve seção exemplos que ilustram importantes propriedades do modal simbulético, tais como *decisão*, *benefício* e *encaixamento*. Nas seções 3 e 4, a seguir, discutimos tais propriedades a partir de dados do PB, indicando que sua manifestação está, de alguma forma, relacionada ao emprego performativo e não performativo desse modal.

3 O SIMBULÉTICO E A NOÇÃO DE PERFORMATIVIDADE

Qualquer ato performativo requer uma interação direta entre o falante e seu interlocutor. Streye Monawar argumentam que esse traço é necessário para que a modalidade simbulética exerça seu papel: “Ao contrário de outros modais, que são estáticos (descrevendo estado de coisas) ou têm instanciações em que são performativos [...], a modalidade simbulética é inerentemente performativa” (STREY; MONAWAR, 2017, p. 297, tradução nossa).¹

De acordo com essas autoras, não há possibilidade de o modal se realizar fora de um ato performativo. Yanovich (2014), embora afirmando que a performatividade é uma propriedade importante do modal simbulético, reconhece que há casos, como o transcrito a seguir, em que *stoit* figura em construções não performativas:

- (8) *Presidentu stoit sozdatj agenstvo po zaščite prirody.*
 presidente.DAT STOIT criar agência PREP defesa Natureza
 ‘O Presidente devia criar uma agência de defesa do meio ambiente.’

Em (8), o modal simbulético é orientado ao presidente, que não integra o contexto de enunciação; logo, não se trata de um ato performativo. Mesmo assim, o modal adequado neste contexto é *stoit*, evidenciando tratar-se de modalidade simbulética. Em relação ao critério do benefício ao aconselhado (ver seção 2), é importante notar que, nesse caso, o benefício do conselho não parece ser do *presidente* ou, pelo menos, não se restringe a ele, considerando que uma ação como a sugerida traria benefícios a toda população, incluindo o presidente, o enunciador e o seu interlocutor.

Esse mesmo emprego é possível no PB. Considere um contexto no qual um senhor, ao assistir a notícia de que o Oscar premiou o belo longa coreano com a estatueta de melhor filme, profere (9):

- (9) O Oscar podia premiar mais produções estrangeiras.

Note que o enunciado em (9) não é direcionado a um interlocutor presente no momento da enunciação, correspondendo mais à expressão do falante em relação aos critérios e valores que ele julga importantes serem considerados nessa cerimônia de premiação. Também neste exemplo há um senso de que o benefício não é do participante para o qual o modal simbulético é orientado, a saber: o Oscar ou a organização que promove e

¹ No original: “Unlike other modal flavors that are either static (describing the state of affairs) or have instantiations in which they are performative [...], symboletic modality is inherently performative”.

outorga essa premiação, mas sim do público do cinema, no qual o falante e o *addressee* estão inseridos. Exemplos como (9) revelam que, no PB, à semelhança do que ocorre em russo, a modalidade simbulética figura também em contextos não performativos, ou seja, em contextos nos quais o falante não direciona um conselho ou sugestão diretamente ao seu interlocutor no momento da enunciação.

4 CONSTRUÇÕES SIMBULÉTICAS COM *ADDRESSEE* GENÉRICO E *SEM ADDRESSEE*

O simbulético é definido na literatura como um modal de conselho/sugestão que figura em contextos performativos, que requerem uma interação direta entre o falante e seu interlocutor. Nesses casos, o enunciado é direcionado a um *addressee* específico (ver os exemplos (1) e (5) do russo e (2) e (3) do PB). Cabe observar, entretanto, que esse tipo de modalidade ocorre também em contextos não performativos (ver os exemplos (8) e (9) acima). Considerando quão comum são esses últimos casos, faz-se necessário repensar a associação direta entre o modal simbulético e a noção de performatividade.

Nesta seção, mostramos alguns exemplos do modal simbulético figurando em enunciados não performativos com *addressee* genérico, em (10) e (12b), e sem nenhum *addressee*, em (11) e (12c).

- (10) Taxistas podiam cobrar um preço mais justo.
- (11) Tinha que existir um espaço para cães em supermercados.
- (12) a. Nossos pais acham que você devia casar com o Pedro.
 b. Turistas comentam que cariocas podiam separar o lixo.
 c. Muitas pessoas dizem que tinha que haver menos consumo de carne.

O enunciado em (10) não é dirigido diretamente a representantes da categoria-alvo da observação do falante, no caso, *taxistas*. Trata-se, portanto, de um emprego do modal simbulético em enunciado não performativo, uma vez que a sugestão não é endereçada a nenhum participante específico. Na literatura linguística, tais enunciados são caracterizados como tendo um *addressee* genérico (cf. PORTNER et al., 2019). Diferentemente do exemplo (10), o enunciado (11) não indica o referente que seria o alvo da observação do falante; logo, trata-se de uma construção identificada como não tendo *addressee*. A diferença entre as sentenças nos exemplos (10) e (11) e as sentenças do exemplo (12) é que, em (12), a construção modal está no domínio encaixado. Esses dados são importantes por evidenciarem que a leitura simbulética para o modal não se restringe a sentenças simples ou ao domínio matriz, onde se pode ter a realização de um ato performativo. Conforme pontuado na literatura, alguns elementos diferem entre si em relação à sua distribuição sintática, de forma que há elementos restritos ao domínio matriz (*root phenomenon*), enquanto outros transitam entre o domínio matriz e o encaixado (cf. HAEGEMAN, 2004), o que parece ser o caso do modal simbulético. O domínio encaixado não faz interface com o discurso, por

isso, enunciados que capturam a relação direta entre falante e interlocutor, como é o caso de atos performativos, não se realizam neste domínio (cf. PORTNER et al., 2019). Em (12a), o conteúdo do enunciado é endereçado ao interlocutor; é importante observar, entretanto, que se trata do relato de uma opinião/sugestão, uma vez que é atribuída a um participante diferente do enunciador. Em (12b), temos um caso semelhante, uma vez que o enunciador não expressa a sua opinião sobre os cariocas, e sim a de turistas. (12c) também corresponde a um relato de opinião de outros, mas, desta vez, sem a indicação do referente a quem esta observação é endereçada, nem mesmo de forma genérica, como ocorre em (12b).

Note-se que os exemplos de (8) a (10) também apontam um benefício associado ao conselho ou sugestão, mas tal benefício não recai sobre o participante para o qual o modal é orientado, que, nesses casos, corresponde ao sujeito das sentenças modais. Esses exemplos indicam, como nota Yanovich (2014), que benefício é uma propriedade semântica relevante para o emprego do modal simbulético, mas, diferentemente do que afirma o autor, essa propriedade não está associada unicamente ao participante a quem o conselho é endereçado. Temos por hipótese que o benefício é uma condição para essa modalidade, estando presente em contextos performativos e não performativos, mas apenas em contextos performativos o beneficiado será o interlocutor, a quem o falante dirige o conselho diretamente, como um ato de fala. Veja que, em (10), que corresponde a um contexto não performativo, o conselho ou sugestão recai sobre *taxistas*, e o benefício pela realização do evento (*cobrar um preço mais justo*) seria de todos os usuários do serviço, mas não dos taxistas, que receberiam um valor menor por corrida. Contudo, toda construção com um modal simbulético parece envolver um beneficiário: em (11), o benefício se aplicaria a donos, amantes ou defensores de cães, grupo em que o falante e o *addressee* estão provavelmente incluídos; em (12a), o benefício, na visão dos pais, recairia sobre a filha, a quem o discurso está sendo reportado; em (12b), o benefício seria para todos os habitantes do Rio de Janeiro e também para aqueles que estão de passagem pela cidade; e, por fim, em (12c), o benefício se estenderia a toda a população, uma vez que a produção de carne aumenta a emissão de gases poluentes e acelera os efeitos do aquecimento global. É fato que precisamos investigar, de forma mais acurada, a relação entre esse traço e os empregos performativo e não performativo do modal simbulético, mas o caminho apontado aqui pode auxiliar na descrição e consequente compreensão desse modal.

O emprego do modal simbulético nos exemplos de (8) a (12) revela que seu uso não se restringe a construções performativas nem a contextos em que há um *addressee* específico. As construções modais em (12) indicam ainda que, quando um modal simbulético figura no domínio encaixado, ele não codifica informações que capturam a relação entre o falante e o seu interlocutor, uma vez que não se trata da emissão de um conselho ou sugestão do falante no ato de enunciação, e sim do relato de um conselho que beneficia, ainda que indiretamente, também o *addressee* ou, diretamente, alguém mencionado, quando o discurso é reportativo. O conteúdo desse relato pode ter como alvo o interlocutor, como em (12a); um *addressee* genérico, como em (12b); ou nenhum *addressee*, como em (12c).

Os exemplos de (10) a (12) revelam que modais simbuléticos não se caracterizam essencialmente como um ato performativo de conselho ou sugestão, podendo figurar também em construções em que é expressa a opinião do enunciador ou de outra pessoa, no caso de a construção figurar no domínio encaixado, em relação a como se deve agir em determinadas situações. Supomos que uma melhor caracterização do modal simbulético é associá-lo a situações de conselho e sugestão em construções com *addressee* específico, correspondendo a um ato de fala diretivo, e também a situações em que o enunciador emite sua opinião sobre o que uma pessoa (ou um grupo de pessoas) não presente no contexto discursivo deve fazer em determinadas situações, visando a algum benefício. Tal definição, por ser mais abrangente, dá conta dos diferentes empregos do modal simbulético: o performativo e o não performativo.

Considerar o emprego do modal simbulético no domínio encaixado e em construções com *addressee* genérico e sem nenhum *addressee* nos levou a repensar a definição apresentada para este modal na literatura, que o associa fortemente à performatividade. O emprego não performativo desse modal, inclusive no domínio encaixado, aponta diferenças que supomos refletir na estrutura da sentença. Um enunciado performativo está atrelado ao momento da fala e aos participantes do evento de fala, constituindo numa sugestão ou conselho do falante direcionado diretamente ao seu interlocutor. O simbulético no domínio encaixado, que caracteriza um emprego não performativo desse modal, pode exibir marca de tempo, como mostra o exemplo (7), em russo, e também não ser direcionado ao interlocutor. Esses parâmetros, assim como seus reflexos na estrutura da sentença com um modal simbulético, serão investigados em pesquisa futura.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo do modal simbulético ainda permanece com muitas questões em aberto. Neste *squib*, apresentamos exemplos do PB que nos levam a questionar a relação estreita que a literatura sobre este modal estabelece entre seu emprego e a noção de performatividade.

Mostramos que um modal simbulético figura não apenas em contextos performativos, como nos exemplos de (1) a (3), (4b) e (5), mas também em contextos em que o conselho ou sugestão é direcionado a um participante genérico, como em (10), ou, ainda, quando não é direcionado a nenhum participante, como no exemplo (11). A ocorrência desse modal no domínio encaixado também sinaliza na direção de que há dois empregos do modal simbulético: (i) performativo, que se caracteriza como um ato de fala de conselho ou sugestão dirigido diretamente ao interlocutor, requerendo, portanto, um *addressee* específico; e (ii) não performativo, que expressa a opinião do falante (ou de outros, no caso de a sentença modal se localizar no domínio encaixado) em relação ao modo como determinada pessoa ou um grupo de pessoas deve agir. Entendemos que esses dois empregos requerem uma definição mais abrangente para a modalidade simbulética, que leve em conta fatores como (i) a relação entre os interlocutores; (ii) a visão do enunciador em relação ao modo como as pessoas devem agir em determinadas situações, sejam elas integrantes do seu círculo social mais próximo ou representantes de instituições (públicas ou privadas); (iii) a visão do enunciador em relação à sua própria posição, seu grau de conhecimento e vivência para proferir um conselho ou sugestão; e, por fim, (iv) a avaliação do enunciador em relação ao(s) benefício(s) envolvido(s) e quais os beneficiados pela emissão do conselho ou sugestão.

REFERÊNCIAS

HACQUARD, V. *Aspects of modality*. 2006. 214f. Tese (Doctor of Philosophy in Linguistics) – Massachusetts Institute of Technology, Cambridge, 2006.

HAEGEMAN, L. Topicalization, CLLD and the left periphery. *In: MAIENBORN, Claudia; FREY, Werner; SHAER, Benjamin (ed.). ZAS Papers in Linguistics, 35: Proceedings of the Dislocated Elements Workshop*, p. 157-192, 2004.

KRATZER, A. Modality. *In: VON STECHOW, A.; WUNDERLICH, D. (ed.). Semantics: An International Handbook of Contemporary Research*. Berlin: de Gruyter, 1991, p. 639-650.

PORTNER, P; PAK, M; ZANUTTINI, R. The speaker-addressee relation at the syntax-semantics interface. *Language*, v. 95, n. 1, p. 1-36, 2019.

YANOVICH, I. Symbouletic modality. *In: PIÑÓN, Christopher (ed.). Empirical Issues in Syntax and Semantics*, v. 10, p. 161-178, 2014.

STREY, C; MONAWAR, M. Grammatical and Communicative Competences as one: a study on symbouletic modality. *Letras de Hoje*, [s.l.], v. 52, n. 3, p. 294-301, 7 dez. 2017.

Squib recebido em 31 de agosto de 2020.

Squib aceito em 16 de junho de 2021.